

ALGUMAS PROPOSIÇÕES PARA QUE SE POSSA COMPREENDER O LUGAR DA EDUCAÇÃO NO MUNDO DA CIÊNCIA

SOME PROPOSITIONS TO UNDERSTAND THE PLACE OF EDUCATION IN THE WORLD OF SCIENCE

ALGUNAS PROPUESTAS PARA COMPRENDER EL LUGAR DE LA EDUCACIÓN EN EL MUNDO DE LA CIENCIA

Maria Almerinda de Souza Matos¹

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Alexandre Rodrigo Teixeira Alecrim²

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Raiana Rosa Alfaia da Costa³

Universidade Federal do Amazonas – UFAM

Priscilla Matos Lopes⁴

Universidade Nilton Lins – UNL

¹ Licenciada em Educação Especial: Deficientes Mentais na 1ª Turma do Curso pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM (1980). É Mestre em Educação pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM (1996), Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS (2008) e Pós-Doutora em Educação pela Universidade Estadual Paulista – UNESP/Marília (2019). Atualmente é Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Amazonas (FACED/UFAM) na categoria Associada Nível 4, vinculada ao Departamento de Teorias e Fundamentos (DTF). É Coordenadora Fundadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia Diferencial – NEPPD. E-MAIL: profaalmerinda@hotmail.com. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/5590755531194676>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6417-9001>.

² Graduando em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UFAM. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia Diferencial – NEPPD/FACED/UFAM. E-MAIL: alexandrrodrigo3@gmail.com. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/0000173529068193>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-8775-8417>.

³ Graduanda em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal do Amazonas – UFAM. Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC/UFAM. Integrante do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Psicopedagogia Diferencial – NEPPD/FACED/UFAM. E-MAIL: raianarosa123@gmail.com. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2288888632341445> ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-6357-1095>.

⁴ Médica Pediatra Titulada pela Associação Médica Brasileira (AMB) e Sociedade Brasileira de Pediatria (SBP) em 2017. Pós-Graduada em Pediatria Clínica pela Universidade de São Paulo – USP (2016). Pós-Graduada em Urgências e Emergências Pediátricas – Hospital Israelita Albert Einstein (2016). Graduada em Medicina pela Universidade Nilton Lins (2011). Preceptora Voluntária do Internato da Universidade Federal do Amazonas UFAM. Atualmente Trabalha na Cooperativa Amazonense de Pediatria – COOPAP, no Instituto de Saúde da Criança do Amazonas. E-MAIL: mlpriscilla@hotmail.com. LATTES: <http://lattes.cnpq.br/2288888632341445>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-4447-007X>.

Resumo

Este artigo desponta como um ponto de referência para aqueles que pretendem enveredar pelos caminhos da pesquisa científica e contribuir com a produção do conhecimento. Em nossas experiências, vivenciadas no campo da pesquisa, podemos perceber angústias de alunos causados pela ausência de noções básicas na área da pesquisa, pela falta de clareza sobre a organização de alguns materiais e da não familiaridade com a linguagem própria do campo da ciência. Este estudo possui uma linguagem simples, objetiva sem perder o rigor no tratamento dado ao referido tema. A pesquisa bibliográfica norteou a construção do texto. Configura-se como um texto enxuto que paulatinamente pode ajudar a dar um tom mais agradável à resistência, e até à indisposição, criada pela comunidade acadêmica para a iniciação científica e a continuidade na prática investigativa. Nesse sentido, este trabalho propõe ponto a ponto o roteiro indispensável para a elaboração de trabalhos acadêmico-científicos com modelos concretos para a melhor compreensão dos elementos de uma pesquisa em educação, pois a educação é certamente o meio mais viável das mudanças qualitativas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Pesquisa Científica; Educação; Considerações fundamentais à investigação.

Abstract

This article emerges as a point of reference for those who intend to embark on the paths of scientific research and contribute to the production of knowledge. In our experiences in the field of research, we can see the anxieties of students caused by the lack of basic notions in the field of research, the lack of clarity about the organization of some materials and unfamiliarity with the language of the field of science. This study has a simple, objective language without losing rigor in the treatment given and the referred topic. The bibliographic research guided the construction of the text. It is configured as a lean text that can gradually help to give a more pleasant tone to the resistance and even the indisposition created by the academic community towards scientific initiation and continuity in investigative practice. In this sense, this work proposes, point by point, the indispensable roadmap for the elaboration of academic-scientific work with concrete models for a better understanding of the elements of research in education, since education is certainly the most viable means of qualitative changes in our society.

Keywords: Scientific Research; Education; Fundamental considerations for research.

Resumen

Este artículo surge como un punto de referencia para quienes pretenden emprender los caminos de la investigación científica y contribuir a la producción de conocimiento. En nuestras experiencias en el campo de la investigación, podemos ver las angustias de los estudiantes provocadas por la falta de nociones básicas en el campo de la investigación, la falta de claridad sobre la organización de algunos materiales y la falta de familiaridad con el lenguaje del campo de la ciencia. Este estudio tiene un lenguaje sencillo, objetivo, sin perder rigor en el tratamiento dado y el tema referido. La investigación bibliográfica orientó la construcción del texto. Se configura como un texto magro que puede ayudar paulatinamente a darle un tono más ameno a la resistencia e incluso a la indisposición creada por la comunidad académica hacia la iniciación científica y la continuidad en la práctica investigativa. En ese sentido, este trabajo propone, punto por punto, la hoja de ruta indispensable para la elaboración de trabajos académico-científicos con modelos concretos para una mejor comprensión de los elementos de la investigación en educación, ya que la educación es ciertamente el medio más viable de cambios cualitativos en Nuestra sociedad.

Palabras claves: Investigación Científica; Educación; Consideraciones fundamentales para la investigación.



INTRODUÇÃO

“Escrever é fácil. Você começa com uma letra maiúscula e termina com um ponto final. No meio você coloca as ideias” (Pablo Neruda)

Nossa experiência tem revelado que os iniciantes na construção de conhecimentos em investigação científica carecem de conhecimentos específicos para organizar um projeto com princípios científicos. Possuem capacidade intelectual, potencial criativo e inovador, conhecimentos adquiridos e/ou produzidos em sala de aula, em estágios e/ou na prática, mas têm muitas dificuldades na execução de projetos científicos.

A ação investigativa é fundamental, saber gerar cientificamente o trabalho é uma das formas de responder pelos chamados de contemporaneidade da ciência da educação, participando efetivamente da comunidade científica.

O objetivo deste texto é justamente auxiliar na capacidade investigativa de iniciantes em pesquisa por meio de uma necessária reflexão que antecede à redação, ou seja, a organização mental sobre um caminho a trabalhar, pensando nas possibilidades, nos limites, nos papéis a serem desempenhados pelo pesquisador e seu orientador e nas condições de estrutura e tempo para tal jornada.

Para Beillerot (2001), um trabalho pode ser caracterizado como pesquisa se satisfizer a três condições básicas: (1) produzir conhecimento novo, (2) possuir uma metodologia rigorosa e (3) tornar-se pública.

Na estrutura de uma investigação existem dois momentos fundamentais num processo de investigação: ou de formulação do problema, ou da questão de investigação, ou construção das conclusões da pesquisa.

O tema tem a dimensão ou uma área de interesse mais abrangente para a investigação científica, enquanto o problema, originário do tema, é mais específica, clara, compreensível e operacional, pois pontua uma questão, uma inquietação, uma indagação para um projeto de pesquisa.

Todo o cuidado na formulação do problema será compensado nas demais fases que fluirão sinérgicas. O problema funciona como a luz referencial para todo o trabalho.

Entretanto, para se chegar a uma conclusão ou a uma resposta consistente e confiável para as questões/perguntas de investigação, precisamos buscar ou construir um caminho (isto é, uma alternativa metodológica o mais segura possível) o qual permita, de maneira satisfatória, tratar o problema ou responder à questão da investigação.

Se a questão de investigação só pode ser efetivamente respondida mediante a



realização de um experimento ou de coleta de informações, dados empíricos ou de intervenção no ambiente a ser estudado, então dizemos que a pesquisa será de campo ou de laboratório.

Se, ao contrário, a questão de investigação, pode ser respondida sem a coleta de dados empíricos, não havendo, portanto, uma pesquisa de campo, então a investigação poderá ser uma pesquisa teórica ou simplesmente bibliográfica.

Qualquer que seja a alternativa de pesquisa a ser seguida, a pertinência, a relevância e o sucesso de uma investigação dependem, de um lado, do conhecimento de estudos anteriores sobre o mesmo tema ou problema e das leituras teóricas e, de outro das reflexões e experiências práticas em torno desse tema.

Para o pesquisador iniciante, é bom lembrar que, se eleger um problema ou questão de investigação, existe uma fase exploratória inicial em torno do tema de investigação. Essa exploração será mais fecunda se for reflexiva, inquisitiva e mediada por leituras e experiências acerca da temática. A conversa com outros pesquisadores e com colegas também é recomendável.

Na justificativa, não se satisfaça com informações vagas e advindas do bom senso. Um texto convincente e agradável articula reflexão sobre o que gerou o problema de pesquisa, com destaque para sua relevância científica, técnica e social.

De um modo geral, a estrutura de uma investigação possui as seguintes partes: “Razões”, ou inquietações/motivos que respondam à pergunta “por que realizar esta pesquisa?”; “Problema”, questão que responde à pergunta “o que é procurado?”; “Alternativa metodológica”, que responde à pergunta “como obter e analisar os dados?”; “Conclusão”, que responde à questão “onde se chegou?”; “Implicações”, que respondem às questões “para que serve?” e “em que o estudo contribuiu para a prática profissional ou para a realização de novas pesquisas?”.

Um projeto de pesquisa só pode ser elaborado quando se tem o problema claramente formulado, os objetivos bem determinados, assim como o plano de coleta e análise dos dados. Uma ampla revisão de literatura acerca do tema de pesquisa colabora para se definir exatamente o que, dentro do tema escolhido, optou-se por pesquisar. Também auxilia o pesquisador na captação de fontes de ideias para novas investigações, a orientação em relação ao que já é conhecido (ECHER, 2001).

Para Trentini e Paim (1999), a seleção criteriosa de literatura possibilita familiarizar-se com textos e reconhecer neles o que já foi estudado sobre o problema de pesquisa, apoiando as decisões de estudos, investigando as dúvidas, atualizando conhecimentos,



reorientando o enunciado do problema e encontrando metodologias que enriqueceriam um projeto de pesquisa.

Contudo, essa condução só será possível se houver o contínuo exercício da leitura.

Embora o processo de pesquisa seja dinâmico, instituído por um movimento consistente de idas e vindas que não flui linearmente, para efeito de orientação podemos caracterizar e descrever as principais fases de uma pesquisa: exploração da temática: interrogações, leituras; observações e censuras sobre o tema; identificação e delimitação do tema e do problema: especificação do tema, revisão bibliográfica, configuração do problema, formulação da questão; formulação dos objetivos; estruturação metodológica de pesquisa; especificações da modalidade da pesquisa; especificações das variáveis; solução dos sujeitos; população ou amostra da pesquisa; seleção dos instrumentos; materiais e coleta de dados; especificação da forma de análise; fase de experimentação, questionários/entrevistas; triangulação dos dados; fase de análise: ordenação, classificação, categorização e tratamento dos dados/coleta de dados: sondagem inicial; levantamento de documentos, observações/registros de informações; seleção de episódios para análise (se for o caso); obtenção de resultados; e por fim, relatório da pesquisa: organização do estudo e construção de conclusões a partir dos resultados; redação do relatório de pesquisa (FIORENTINI, 2006).

Um texto rico e criativo exige o esforço de quem escreve. As palavras, as frases, os parágrafos, requerem dedicação, reflexão, correção, consulta ao dicionário, ou seja, é um exercício de paciência e persistência que faz parte do cotidiano do pesquisador.

A ciência não é um todo acabado. Não se espera que o seu trabalho o seja, o saber é uma construção contínua e paulatina, escrever é um exercício nessa direção.

O ato de pesquisar é um processo inacabado, nunca definitivo, em suas duas opções inicialmente possíveis: não concluído e não concludente. Ele nunca se acaba, por mais que o queiramos. Estamos o tempo todo convictos da possibilidade de fazer mais, de ir mais longe. Mesmo que paradoxal, somos nós mesmos que estabelecemos os limites quando aplicamos os critérios de prudência, e a própria pesquisa, na medida em que avançamos, vai-se redefinindo e reorientando o curso da caminhada (SERRANO, 2011).

MÉTODO OU METODOLOGIA

Neste estudo, utilizamos a abordagem qualitativa, que segundo Minayo (2001) “trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes [...]” (p. 21) e por esse motivo a iniciativa de pesquisa há de tratar os objetivos com



profundidade, analisando suas relações, processos e fenômenos a fundo, uma vez que não podem ser medidos por variáveis, pois estão inseridos na realidade social do ser humano, que não se evidencia só nas suas ações, mas no que pensa e faz.

Benoliel (*apud* POLIT e HUNGLER, 1995, p. 269) descreve as pesquisas qualitativas como “modos de inquirição sistemática preocupados com a compreensão dos seres humanos e da natureza e suas transações consigo mesmos e com seus arredores. Quanto aos nossos meios de pesquisa, serão o bibliográfico que, considerando Koche (2009) se caracteriza por explicar um problema usando meios que já estejam disponíveis, tais como livros, podendo-se desvendar novos aspectos a respeito do problema ou tema discutidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante disso, no curso de Elaboração e Desenvolvimento de Projetos de Pesquisa do CEEFF/RS/2004, foi apresentada uma síntese do texto de Tomaz Tadeu da Silva (2004) sobre como enfrentar a síndrome da folha em branco.

Quem escreve está sujeito, mais cedo ou mais tarde, a ter que enfrentar a síndrome da folha em branco (em inglês se utiliza a expressão *writer's block*). Temos uma folha em branco (hoje, mais provavelmente uma tela em branco) à nossa frente e não conseguimos preenchê-la. Ou fazemos variadas tentativas para preenchê-la e repetidamente as apagamos e recomeçamos tudo para contemplar, mais uma vez, a mesma folha em branco com a qual começamos.

Não há nenhuma receita infalível para superar o terror da folha em branco, mas algumas das seguintes técnicas e sugestões podem, ocasionalmente, ajudar.

O primeiro passo é: **assegure-se de que você tem algo a dizer**. Parece óbvio, mas nem tanto. Escrever exige preparação. Antes de começar a escrever, assegure-se de que você fez todo o trabalho prévio exigido para o tipo de texto que você está se propondo a escrever. Assim, se o seu texto está baseado em algum tipo de pesquisa empírica, não se sente para escrever antes de ter coletado todos os dados exigidos para essa fase específica de seu projeto. Da mesma forma, se o seu texto depende fundamentalmente de uma pesquisa bibliográfica, assegure-se de que você tenha lido a bibliografia relevante e que tenha tomado nota dos pontos e das passagens mais importantes e mais relevantes para o seu tema. Essa preparação cuidadosa praticamente vai garantir que você tenha algo a dizer e ficará mais fácil, assim, preencher a tal folha em branco.

Você deve **fazer um plano geral do que você pretende escrever**. Frequentemente, a síndrome da folha em branco é causada não pela falta de ideias, mas



pelo seu excesso. Temos uma corrente abundante de ideias, em geral bastante desordenadas, que competem em nossa mente por virem para o plano da frente e se tornarem texto. Nessa confusão e ansiedade, nenhuma acaba realmente por se efetivar e a folha em branco permanece lá, em flagrante contraste com a nossa prolífera mente. Uma maneira de prevenir esse conflito é começar pelo traçado de um plano geral de trabalho. Para começar, supõe-se que estamos escrevendo a partir de um conjunto mais ou menos extenso de notas sobre a temática em questão. Poderíamos começar, então, por colocar alguma espécie de ordem nessas notas. Poderíamos, por exemplo, agrupá-las por categorias e, depois, partir dessas categorias para fazer algum tipo de esboço ou esquema do que pretendemos escrever. Há várias maneiras de fazer um esboço desse tipo. A mais óbvia é simplesmente fazer uma lista dos temas ou ideias centrais relacionadas ao nosso tema mais geral e, depois, subdividi-los em subtemas. Ou você pode se sentir mais confortável com o traçado de um esquema em forma de gráfico ou diagrama.

Todavia **não insista em começar do começo**. Obviamente, o mais natural é avançar em ordem e escrever um texto na ordem em que ele será apresentado, isto é, do começo para o fim. Mas nem sempre seguir a ordem final (imaginada) de apresentação é a mais produtiva. Todos sabemos que dar a partida é quase sempre o mais difícil. Mas às vezes deixar o “começo” de lado e entrar por outro ponto pode ser uma grande estratégia para superar a síndrome do bloqueio. É aqui que a existência de um plano, esboço ou esquema a superar a síndrome do prévio se mostra de mais utilidade. Se tivermos um esboço geral do que pretendemos escrever, podemos simplesmente escolher um tema (ou subtemas) aí delineados, talvez aquele com o qual nos sentimos mais confortáveis e confiantes, e começar por desenvolvê-lo. É possível que a confiança assim adquirida seja um fator importante para o começo de seu desenvolvimento.

Para, posteriormente, retomar, agora com mais sucesso, a escrita do início do texto. Além disso, muitas vezes começar a escrita pelo meio de um texto acaba por nos dar mais ideias sobre como começá-lo. Assim, não insistir em começar pelo começo pode acabar sendo o melhor começo. Para isso, **divida sua tarefa em uma série de etapas menores**. Isso tem a ver, evidentemente, com a sugestão anterior de começar pelo traçado de um plano geral de trabalho. É muito provável que uma das causas da síndrome do bloqueio seja o pânico frente à enormidade da tarefa que nos propusemos. Assim, quanto maior for o nosso projeto de escrita, maior será a necessidade da elaboração de um plano prévio em que a tarefa esteja cuidadosa e detalhadamente dividida. A tarefa considerada globalmente pode apavorar, mas cada um dos pequenos passos em a que dividiremos será certamente



menos intimidante.

Adiante, **deve-se organizar seu texto em torno de um tema restrito e bem delimitado**. Reserve um bom tempo na etapa de planejamento para definir de maneira precisa o tema de seu texto. Um texto é sempre, forçosamente, um recorte do mundo. Boa parte da ansiedade da escrita ficará diminuída se nos confrontarmos com o fato de que, de cada vez, a cada texto, só podemos nos ocupar de uma porção bastante restrita desse mundo. Assim, antes de mais nada, encontre um foco. Delimite. Restrinja. Esse foco, esse ponto de corte, depende, obviamente, de vários fatores, entre os quais, talvez os mais importantes sejam os propósitos de seu texto, o tipo de leitor ao qual é dirigido e a extensão que o texto pode ou deve ter. De uma maneira ou de outra, um foco preciso será quase uma garantia de que você não ficará paralisado, na hipótese contrária, pela incapacidade de começar a escrever por causa da imensidão da tarefa que você se propôs. Quanto mais vago e mal definido for seu tema, maior será a possibilidade de que sua folha continuará em branco. Lembre-se sempre: o mundo não cabe em apenas uma folha em branco, em vinte, ou em cem!

É preciso ter metas exequíveis. Muitas vezes nosso bloqueio se deve simplesmente ao fato de nos termos colocado uma meta inatingível. A tarefa torna-se, então, uma questão de tudo ou nada. Ou resolvo esse grande problema da humanidade ou então não faço nada. Ou escrevo essa grande tese sobre a questão do sujeito (ou do poder, ou do ser) ou então não escrevo nada. Já sabemos qual é frequentemente (sempre?) o resultado: justamente nada. Assim, é melhor colocar-se, para começar, uma meta que sabemos ter uma chance razoável, no limite de nossa capacidade do tempo disponível, dos recursos existentes de ser levada a bom termo.

Isso posto, **não fique à espera da milagrosa inspiração para começar** realmente a colocar suas ideias no papel. Em geral, a tal inspiração é o resultado de um problema que fica dando voltas em nossa mente até encontrar uma solução que é, justamente, a tão falada inspiração. É mais provável, entretanto, que essa solução surja não simplesmente a partir de uma preocupação mental com o problema, mas de uma interação com o próprio texto. Ou seja, a inspiração se produz na própria escrita. Ela surge escrevendo. Uma ideia puxa outra. Uma frase puxa outra. Um parágrafo puxa outro. É isso a inspiração. Coisa muito prosaica. Vista dessa perspectiva, a inspiração não é algo que preceda à escrita, mas, ao contrário, algo que se desenvolve ao mesmo tempo que a escrita. Assim, a melhor receita para a inspiração é... escrever.

É preciso ter em mente um cronograma de trabalho e cumpri-lo à risca. No qual



costumamos pensar na "folha em branco" apenas em relação àquela situação em que nos sentamos para escrever e não conseguimos colocar nada no papel. Há, entretanto, aquela folha que continua eternamente em branco simplesmente porque nunca sequer nos sentamos para escrever. É a grande folha em branco, a mãe de todas as folhas em branco. A única maneira de superar essa fase é obrigar-se a se colocar sistemática e religiosamente em um momento preciso e durante um tempo preciso frente a uma verdadeira folha e não sair dali enquanto não escrever, digamos, ao menos uma página. (Em fases mais agudas de bloqueio, eu me coloco objetivos até mais modestos, como um parágrafo, pois em geral, acabo de escrever bem mais do que isso, o que provoca a eficácia da estratégia.) Nesses casos, a única estratégia eficaz consiste em encarar diretamente o monstro, colocando-se frente à folha em branco e não saindo dali enquanto não a cobrir com algum ponto de tinta. Folha em branco, te esconjuro!

Um elemento essencial é **não procurar pretextos para não escrever**. Dê uma volta, faça exercícios de distensão, tome um copo d'água, relaxe, mas evite encontrar pretextos para não escrever. Quem escreve sabe: é na hora em que mais faltam ideias para escrever que sobram ideias para fazer outras coisas. Há coisas que mais do que nunca havíamos pensado em fazer e que normalmente até achamos pouco atraente (talvez ir ao dentista), mas que, de repente, em comparação com a folha em branco, adquirem uma urgência ou uma atração inesperada. Qualquer coisa menos a folha em branco! É um erro fatal. As coisas mais urgentes e mais atraentes se sucederão umas às outras e a folha em branco continuará, talvez eternamente, em branco. Não ceda nunca a esse tipo de tentação.

Um fator que se deve levar em consideração é **encontrar o equilíbrio entre ler e parar de ler para escrever**. Em que um certo período de leitura, sobretudo na escrita de textos de natureza mais teórica, mas que vale também para outros tipos de texto, é uma etapa essencial no planejamento da escrita de um texto. Há um ponto, entretanto, em que a extensão dessa fase, para além de certo limite, acaba servindo apenas como um pretexto para adiar a tarefa de começar realmente a escrever. Obviamente, há muitas formas diferentes de combinar leitura e escrita: algumas pessoas preferirão ler tudo o que consideram relevante para o seu tema antes de realmente se sentarem para começar a escrever, enquanto outras alternam períodos de leitura com períodos de escrita.

De uma forma ou de outra, é importante encontrar o ponto certo em que a leitura deixa de ser uma fase realmente necessária para o trabalho de escrita para apenas servir de pretexto para adiar indefinidamente o momento de começar efetivamente a escrever. Nesse sentido, talvez seja mais razoável a estratégia daquelas pessoas que alternam



constantemente a escrita e não haverá períodos de escrita. Assim, a leitura alimentará constantemente a escrita e não haverá períodos muito longos de leitura sem nenhuma escrita.

Entretanto, **não espere escrever em um mês o que não escreveu em um ano**, ou para escrever em um dia o que não escreveu em um mês. Imponha um horário diário em que você se obrigue a sempre escrever alguma coisa. É menos provável que você seja atacado pela síndrome da página em branco se você tiver que preencher apenas um número razoável de páginas a cada dia, sobretudo quando o prazo final ainda está longe, o que tiver que preencher um número imenso de páginas sob a pressão de um prazo que talvez termine em dois ou três dias.

Quanto maior a pressão, maior a probabilidade de ser atingido pela síndrome. "Nenhum dia sem uma linha", diziam os romanos. O conselho, válido na época dos tablets continua válido na era dos computadores. Escrever um pouco a cada dia significa que você estará trabalhando com uma mente e corpo relativamente descansados, fatores que fazem uma grande diferença na escrita de um texto e que diminuem a probabilidade de ocorrência da síndrome da folha em branco.

É importante ter em mente que **você não é a única pessoa no mundo a sofrer da síndrome da folha em branco**. Escrever é uma atividade solitária. Como um ato solitário, a escrita conduz facilmente à impressão de que não há mais ninguém no mundo que esteja passando pela mesma experiência. "Meu Deus, por que só eu no mundo sou incapaz de preencher uma folha em branco?" Um caminho possível para superar a síndrome é pensar justamente o contrário: que ela é bastante comum, que muitas pessoas, incluindo os melhores escritores, passam e passaram pela mesma experiência e que existem estratégias e técnicas que podem ser utilizadas para ajudar a superá-la. A ideia é desconectar-se, desligar-se de seu próprio e limitado ego, e entrar em comunhão, em conexão, com outros milhares (milhões?) de sofredores da síndrome da folha em branco do presente e do passado. Algo assim como um Alcoólicos Anônimos imaginário das vítimas da folha em branco. Não estou sozinho. Os outros conseguiram e até acabaram escrevendo livros importantes. Em vez de pensar "por que só eu tenho síndrome?", pensar "por que só eu não vou superá-la?"

Com essa perspectiva **pense em um público-alvo determinado**. Ao contrário de outros tipos de escrita, a escrita acadêmica não tem um público-alvo muito definido. Estamos escrevendo para professores universitários. Para professores universitários? Ou apenas para geral, para caso estudantes teses e a banca, de dissertações? Essa



impessoalidade dos endereçados é, obviamente, uma característica da escrita em geral, mas ela pode se tornar um problema maior na escrita acadêmica, contribuindo para a síndrome da folha em branco. Indecisos sobre a quem exatamente nos dirigir, sobre qual tom assumir, qual registro e nível de linguagem utilizar, acabamos por simplesmente nada escrever.

Uma boa técnica para superar essa dificuldade do "destinatário desconhecido" é fingir que estamos nos dirigindo a um público mais preciso, um público ao qual talvez já tenhamos nos dirigido ao vivo, como numa palestra, por exemplo, ou até mesmo para uma única pessoa nossa conhecida, para quem gostaríamos de expor as ideias sobre as quais estamos escrevendo. Finja que está escrevendo, por exemplo, para seu namorado ou para sua namorada. Ou para seu tio. Ou para sua avó.

Por fim, **tente falar o que você pretende escrever para uma pessoa amiga**. Muitas das ideias que deram origem a coisas que escrevi nasceram de aulas que eu estava dando, ou seja, de situações em que fui obrigado a falar: se você não está ensinando sobre o que está escrevendo, "alugue", então, uma pessoa amiga e "fale" para ela o texto que você está planejando escrever. Como disse anteriormente, um texto não existe pronto em nossa cabeça, só está faltando passar para o papel. É ilusão que leva, muitas vezes, à paralisia.

É no escrever que o texto se escreve. Mas se você se sente mais confortável com a linguagem oral, talvez ajude fazer esse passo intermediário, de antes, falar sobre o tema sobre o qual você está escrevendo com uma pessoa de sua amizade. Na verdade, para ser mais preciso, não se trata tanto de falar sobre o texto, mas de falar o texto, como se estivesse fazendo uma exposição oral sobre seu tema. Não se esqueça, entretanto, de ir anotando as principais ideias que lhe forem ocorrendo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este artigo convém destacar que todo pesquisador sempre navega principalmente quando investiga entre a liberdade e a responsabilidade, tendo que consultar ou considerar deveres, prazer, consciência, interesses coletivos ou pessoais, direitos, relações sociais, conhecimentos, valores... para realizar seus julgamentos e ações. Além da complexidade que caracteriza toda ação educativa, a ele associa-se a imprevisibilidade.

E nesse emaranhado educacional é necessário, ao redigir um trabalho acadêmico, levar em conta as diferenças entre linguagem literária e linguagem científica, esta tem a função de expressar com simplicidade e clareza e não de impressionar, pela elegância,



pelo uso de figuras e imagens ou pelo vocabulário rebuscado. Portanto, nos escritos científicos devem ser observados os critérios de objetividade, impessoalidade, clareza, concisão, modéstia, cortesia, dentro de um estilo simples, mas gramaticalmente correto.

O candidato ao grau de Mestre ou Doutor deve levar em consideração que seu trabalho será julgado por uma Banca Examinadora, que analisará na Dissertação ou Tese, os aspectos éticos, formais e essenciais ou de conteúdo.

Cada universidade tem normas próprias para os cursos e para os trabalhos de pós-graduação, observando-se pequenas diferenças não só entre elas, mas até mesmo entre as diferentes áreas dentro da mesma universidade. Há, porém, alguns pontos em comum, tais como objetivos, finalidades e classificação dos cursos de mestrado e doutorado.

O objetivo deste texto é tão somente reunir algumas noções de metodologia dos trabalhos científicos oferecendo algumas sugestões práticas, tentando contribuir para facilitar o desempenho dos alunos da pós-graduação e o trabalho dos professores orientadores.

REFERÊNCIAS

BEILLEROT, J. (2001). **A “pesquisa”**: Esboço de uma análise. In M. André (Ed.), O papel da pesquisa na formação e na prática dos professores (pp. 71-90). Campinas: Papirus.

ECHER, I. C. **Revisão de literatura na construção do trabalho**. Rev. gaúcha de enf., Porto Alegre, v.22. n2, 2001.

FIORENTINI, D.; LORENZATO, S. **Investigação em educação matemática**: percursos teóricos e metodológicos. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEJURO, Serrano Francisco. **Pesquisar no labirinto**: a tese de doutorado, um desafio possível. São Paulo, 2011

POLIT, D. F.; HUNGLER, B. P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, 391p.

POLIT-O'HARA, Denise; HUNGLER, Bernadette P. **Fundamentos de pesquisa em enfermagem**. 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

POPPER, K. R. **A lógica de Pesquisa científica**. São Paulo: Loyola, 2002.

TRENTENI, M; PAIM, L. **Pesquisa em enfermagem**: uma modalidade convergente assistencial. Florianópolis: UFSC, 1999.



Artigo recebido em: 15 de novembro de 2022.

Aceito para publicação em: 17 de dezembro de 2022.

Manuscript received on: November 15, 2022

Accepted for publication on: December 17, 2022

Endereço para contato: Universidade Federal do Amazonas, Faculdade de Educação/FACED, Programa de Pós-Graduação em Educação, Campus Universitário, Manaus, CEP: 69067-005, Manaus/AM, Brasil

